

## Nunca gostei da escola<sup>i</sup>

FÁTIMA BICA

Escola Secundária Dr<sup>a</sup> Maria Cândida - Mira

Costumo dizer frequentemente e com alguma ironia que nunca gostei de escola e ainda hoje lá ando. A escola foi quem me empurrou do ninho macio e protegido da casa de família para um voo atabalhoado à procura de independência. Não me valeram de nada as más disposições e os pequenos-almoços vomitados no estrado da professora. A alegria de voltar a casa pela mão da contínua era passageira porque na manhã seguinte lá se voltava a repetir a choradeira, a conversa animadora da prima mais velha com quem partilhava o caminho, o consolo maternal da D. Maria Luísa.

A escola foi quem me povoou os sonhos de pesadelos: de per-

ursos a fazer meia dúzia de longínquos quilómetros de autocarro porque o novo edifício a um passo de casa poderia não estar pronto a tempo de acolher o meu 5º ano de escolaridade.

A escola foi quem ainda me povoou as noites de insónias, com cópias por fazer, tabuadas para decorar, orais de Ciências Naturais diárias e por ordem alfabética, em que se sabiam invariavelmente todas as respostas anteriores e posteriores e nunca se havia de saber a resposta à pergunta que calhava em sorte.

A escola foi também o 25 de Abril de 74, de um regresso a casa mais cedo e mais povoado de histórias tenebrosas, de ruas cheias de

---

rebuçados envenenados, de droga, de explosivos, de pais a regressarem a uma guerra.

A escola foi quem me trouxe comportamentos mágicos em dias de frequências: a importância do pé direito, da benzedura ou da fruta ao pequeno-almoço que mais dificilmente do que os lacticínios seria rejeitada pelo sistema digestivo; a obrigatoriedade dos lenços de papel, da garrafa de água ou do sumo em cima da carteira.

A escola é hoje e sempre quem me interrompe os momentos de simples contemplação porque há testes para corrigir, aulas para preparar, reuniões e mais reuniões para assistir.

A escola tem sido, num crescente inexorável, o lugar onde me indisponho porque as condições de trabalho são deploráveis, porque os alunos são naturalmente indisciplinados, porque os computadores não têm teclas, os sites estão bloqueados, a sala D2 tem um balde e um farrapo em frente ao quadro onde pinga frequentemente, onde o vídeo come a fita da cassete, o leitor de DVD transforma o diálogo em *disco sound*, o reboco exterior dos pavilhões cai em placas de tamanho considerável quando se fecham os estores, as telhas que cobrem o espaço são de fibrocimento.

O átrio da escola é o lugar onde não tenho ouvidos aos milhares

e constantes palavrões dos alunos, onde prefiro pensar que a forma insolente com que se destratam será parte da evolução natural da língua e deixará, ao longo do uso, de ter o sentido pejorativo que lhe damos hoje.

A escola é, assim como a cozinha, a divisão mais perigosa da casa: escorrega-se na humidade do chão, é-se abalroado por alunos em fuga quando temos de ir às fotocópias no intervalo, cai-se das escadas quando, ao subir, um grupo desnordeado se lembra de descer, leva-se com um tiro de bola nas costas, fica-se contaminado no período das gripes...

Então, poderão perguntar: o que é que eu ainda cá ando a fazer?

Se não será por masoquismo, nem pela suave vingança de ver outras gerações passar pelo que passei e passo, será porquê?

É que a escola, quando tirava com uma mão, dava quase no mesmo instante com duas. Deu-me logo na primeira classe estatuto de menina da professora que nunca levou uma reguada e apenas conheceu a mão da professora uma vez, numa série de pancadas em número igual a erros cometidos, na primeira prova escrita que me deixou atordoada naquele dia sem exemplo.

Deu-me logo a seguir à lição da tia, que andei umas semanas

para entender, o prazer da recompensa pelo fruto do trabalho: bonecas que diziam papá, mamã, comboios ou carros de polícia durante a primária, uma aparelhagem na dispensa ao exame do 9º, uma bicicleta de corrida no 11º, ainda assim a nome do meu pai porque não era coisa própria de uma rapariga, 750\$00 pelo trabalho de intérprete quando um turista alemão precisou de um médico português. (Custava, na altura, 1500\$ uma consulta médica.)

A escola encheu a minha vida de professores humanos que sabiam premiar o trabalho quando se tinha dificuldades a FQ, que sabiam fazer rir até às lágrimas com um sentido de humor apurado, que podiam falar sobre coisas da vida durante uma aula inteira quando parecia não haver pressa em cumprir programas, que testemunharam a meu favor quando um processo por alegado abuso de liberdade de imprensa me levou a tribunal. Professores de quem ainda recordo os nomes, as feições, as moradas particulares...

A escola enche a minha vida de alunos educadíssimos, sensatos, amigos: o Arsénio que tirou a primeira positiva comigo no 8ºano e ficou tão extraordinariamente feliz que me agradeceu beijando-me impulsivamente na face; o Óscar que aparecia todas as manhãs malvestido e despenteado até começar a vir, depois de muitas observa-

ções minhas, de fato e cabelo impecável; daquele outro de 12/ 13 anos que me veio pedir opinião sobre o que é que devia oferecer à namorada; dos alunos da Tocha que me faziam festas de anos surpresa e me enchiam a casa de prendas e ramos de flores; dos alunos de Mira que ajudam às festas dos meus livros, cantando, tocando, representando, fazendo rir... Alunos cujos nomes, feições, comportamentos nos seguem pela vida fora.

E hoje, em cima do estrado que já não existe, a escola, apesar dos pesares, é o lugar onde ainda nos divertimos com as maroteiras que inventamos uns aos outros; é o lugar onde ainda se fazem brincadeiras e se contam mentiras breves aos alunos, para nos rirmos todos logo de seguida; é o sítio onde ainda nos comovemos com as homenagens surpresa que nos fazem; é o sítio onde se recuperam jovens do buraco onde pais ausentes os deixam; onde se recuperam do laxismo a que se foram habituando; onde se tratam da doença, onde se conquistam à rua e à noite, onde se ensinam pais a lidar com dinheiro a mais e tempo a menos para os filhos, onde se organizam campanhas de solidariedade para ajudar alunos de famílias paupérrimas, onde no meio de tanta lei, decreto-lei, papelada, estatutos, regulamentos, congelamentos, grelhas, relatórios, ofícios e circula-

res, não esquecemos que é daqui que saem os homens e as mulheres, a febra humana, de que o futuro é feito.

E é nesta escola onde eu, indubitavelmente, gosto de estar.

### **Nota Biográfica**

Na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra concluiu, 1988, a licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas (Inglês/ Alemão), o Curso do Ramo de Formação Educacional (1990) e o Curso de Especialização em Tradução ( 2001). Presentemente, encontra-se a redigir tese de mestrado na área da linguística descritiva.

É professora efectiva da Escola Secundária Dr<sup>a</sup> Maria Cândida em Mira (pequena vila, entre Aveiro e Figueira da Foz, onde nasceu).

Tanto quanto a memória pode recuar, sabe que alguns dos seus antepassados foram cordoeiros, criadas de servir e agricultores analfabetos. No entanto, Fátima Bica escreve desde que aprendeu a escrever. Estreou-se na literatura em 1999 com uma colectânea de contos intitulada *Os Palheiros do Nada e outras histórias*. Em 2003, publica *O Pomar do teu Corpo* (poesia). Em 2005, *O Diário da Stôra Lili* (já na 3<sup>a</sup> edição da Colibri). E em 2007, *Quibir Calcário* (poesia).

---

<sup>i</sup> Comunicação apresentada na ESE de Setúbal, em 18/05/09, no ciclo de conferências “Literatura e Educação: Encontro com Professores-Escritores”